

Afeitos Literários na Maré do Covid 19¹

JUANA SAÑUDO CAICEDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

LILIAN SALINAS HERRERA
UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA

Kanguimbu Ananaz, cujo nome real é Maria Manuela Cristina Ananaz é originária da cidade de Moçâmedes, Namibe. Nascida no ano 1959 viveu o processo da Independência de Angola ocorrido no dia 11 de novembro de 1975, conseguida depois de 500 anos de luta dos independentistas contra o domínio colonial português. Além do seu ofício como escritora, ela trabalha como professora, assistente social e orientadora de jovens. Kanguimbu possui licenciatura em Psicologia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação e mestrado em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto. É autora de diversas obras literárias entre poesia e contos, sendo incluída em três antologias de poesia: *O Amor tem Asas de Ouro* (2004); *Todos os Sonhos* (2006); *Entre a Lua, o Caos o Silêncio e a Flor* (2006). Da mesma maneira, foi incluída na antologia de contos *Histórias de Encantar* (2011). Durante os acontecimentos de 27 de maio de 1977, ela esteve na cadeia por mais de um ano. Dessas e outras experiências, de sua carreira como escritora e principalmente de sua obra *Seios e Ventres* (2020), Kanguimbu nos comenta a continuação.

Entrevista a Kanguimbu Ananaz

Luanda/Angola, São Carlos/Brasil, San Felipe/Chile, 17 de dezembro de 2020

Lilian Salinas Herrera: A independência nacional angolana de 1975 e os acontecimentos do dia 27 de maio de 1977 foram acontecimentos muito importantes para Angola. Como essas marcas históricas influenciaram sua faceta de escritora?

Kanguimbu Ananaz: De facto, eu pude primeiramente ouvir sobre as questões da colonização através da família, claro, e toda a minha aderência foi através das vicissitudes que, nós enquanto angolanos vivíamos. Particularmente a minha família, e a minha mãe acabava de perder um filho que foi morto tendo em conta a situação e, nós filhos estávamos sempre presentes na caminhada dos nossos pais. Depois com o andar do tempo nós percebemos de que na verdade, eles foram passando por várias dificuldades por vários sofrimentos, por causa da invasão colonial e porque também enquanto jovem já estava ligada a uma organização política. Houve a invasão dos portugueses e também dos sul-africanos, todos nós ou todas nós já estávamos identificados com um partido, o MPLA. Nós fomos perseguidas e tive que fugir da minha terra que é Moçâmedes, sem o

consentimento dos meus pais e com uma prima apanhei um barco com a única roupa que tinha no corpo. Em Luanda, ficamos em uma casa, deslocados e aí fomos recebidas pelas autoridades, onde nos davam alimentação e tínhamos um lugar para dormir, com o passar do tempo fui ficar em casa de uma prima por um período de tempo. Depois veio uma irmã minha também, após invasão da província de Benguela que é uma província ao sul do país, ela veio para Luanda e eu fui para a casa dela viver e lá ficamos no Largo do Primeiro de maio, onde o doutor Antônio Agostinho Neto proclamou a independência da Angola. De facto, todo meu percurso foi na política devido à minha família, influenciado pelos meus pais. Os meus pais perderam dois filhos, um filho em 1961 e outro em 1976 também na guerra. Depois da independência houve guerra civil entre a UNITA e o MPLA. Houve toda uma luta para cá, acabarmos com a guerra, porque uma luta, penso que naquela altura, não havia vencidos e vencedores. Então o MPLA na pessoa do doutor Agostinho Neto como já havia uma paz, digamos, já não havia as escaramuças do outro partido político, então o doutor Antônio Agostinho Neto lançou um repto de que todos os angolanos provenientes de outras províncias deveriam regressar e eu, assim como as outras jovens, nós regressamos para as nossas terras de origem e foi ali onde eu fiquei, claro, que naquela altura já era uma menina com um terceiro ano feito no liceu. E, então houve essa situação menos boa que é a situação do 27 de maio, procurei meu namorado que também era militar, foi preso pelo 27 de Maio, no mesmo período que também fui presa, acusada de uma forma inocente. Quando me foram buscar, me fizeram uma série de perguntas, eu fiquei pasma porque eu não sabia o que estava a acontecer, na verdade, disseram-me que eu tive contato com um camarada que também era do contra, de nome Nito Alves, foram falsas as informações, não correspondiam à verdade, depois fui torturada e depois ouvida por uma comissão de inquérito e fiquei durante esse tempo todo na cadeia. Fiquei 395 dias na cela e da cela dedicávamos trabalhos na horta, porque tínhamos terreno arável na cadeia e cultivávamos cenoura, couve, o pimento e a gimboa. Passei a vida naturalmente a escrever poemas e a cantar. Eu gosto de cantar, eu cresci em uma igreja, em uma escola missionária e sou de uma família de canto, então eu era o rouxinol, o pássaro da cadeia que cantava, cantarolava todos os dias, e os colegas gostavam, porque eu era a única mulher e era a mais nova na cadeia, tinha muito apoio dos colegas também que estavam presos. Eu era uma menina inexperiente, mas alguma capacidade. 395 dias depois, um senhor abre a minha cela e, pergunta as pessoas “que eu estava lá a fazer” e ninguém conseguia responder, então o senhor kambulukussu diz um “olha, arruma as suas malas e levam essa menina para a casa”. Foi assim que, muitos ainda ficaram por situações alheias. São coisas da vida, uns ficam, outros vão e foi assim a minha história, tenho escritos recentes e outros que ando a escrever há mais de vinte anos. Uma irmã minha que mora em Portugal, ela disse:

“mana eu não quero mais que tu te metas na política, porque já perdemos os nossos irmãos, já perdemos o marido da nossa irmã e aí, não queremos mais! “Mas é algo que também está dentro de mim, eu acompanhei o sofrimento da minha família, concretamente do meu pai, da minha mãe, estou lembrada quando o meu pai foi preso, a minha mãe também foi deixada grávida, então há coisas que tenho guardadas no meu subconsciente de todo o sofrimento que a minha família passou. Eu sou produto de tudo isso, a minha personalidade é essa de afetos de quedas da família, que de uma maneira ou de outra eu exploro também na escrita que tem sido a minha terapia, o meu bálsamo, enquanto mulher é esse o meu olhar, a grandiosidade de ser mulher, a responsabilidade de ser mãe, educadora, chefe de família, formadora de consciência. Lutar pelos direitos das mulheres, principalmente das mais desfavorecidas e daquelas mulheres que não tem voz, e eu consigo através da minha poética louvar a voz delas, então, tenho passado frequentemente mensagens para as pessoas sobre a independência da mulher, da autoconsciência dela, da sua formação profissional e acadêmica acima de tudo. É verdade que todas nós não podemos ser doutoras, mas há que valorizar aquelas mulheres camponesas, aquelas mulheres que prestam serviços em casas de outras pessoas, são todas mulheres que naturalmente elas têm sonhos, de ser uma escritora, de ser uma professora, de ser uma eletricista, de ser uma mecânica, então esta é a luta e nós temos que ser unidas cada vez mais para lutar pelos nossos direitos, ter direito à saúde, ter direito à educação, ter direito a habitação, ter direito... Quer dizer, esta luta para alcançar os seus objetivos, então é toda luta da família, eu vi toda a luta da minha mãe e transporto a minha personalidade, pois é influenciada por uma mulher que não sabia ler nem escrever, que era uma lavadeira e que com catorze filhos instruiu seus filhos, então, a independência aproximou esse grande valor. Hoje, ser reconhecida também pelo trabalho social que eu faço e não me vanglorio por ser escritora, por ser licenciada, mas eu sou única e simplesmente uma mulher que olha para outra mulher com olhos de ver, é assim, que eu penso que, independentemente do meu estado social, cada vez mais vou-me aproximando das mulheres mais desfavorecidas porque o meu carinho e o meu afeto para elas. Eu trabalho pelo sangue derramado por aquelas mulheres heroínas Alda Lara, Deolinda Rodrigues, Njinga Mbandi, Irene Cohen, Lucrecia Paim e tantas outras mulheres anônimas que vincaram e que tudo fizeram para que nós tivéssemos liberdade, para que nós pudéssemos tirar uma carta de condução, conduzir um carro, estar diante de uma televisão, falar para as redes, para a mídia, percebe? É essa a independência da mulher, expressar aquilo que sentem, é uma forma, que eu tenho de expressar as minhas inquietações, porque as minhas inquietações não são únicas, é a inquietação também das outras mulheres e então eu penso nas outras, então eu dou voz às outras mulheres, elas não conseguem se expor, muitas mulheres são introvertidas devido ao marido, pelo recalçamento que

elas tiveram também no seio da família, muitas mulheres foram estupradas, foram violentadas, então, eu consigo conversar com várias mulheres de todos os estratos sociais. E, a minha voz ecoa principalmente na zona periférica, não é que a zona urbana não me conheça, conhecem sim, embora finjam que existe uma mulher com nome Kanguimbu Ananaz, mas na periferia, aí está meu foco, aí é onde eu levo o livro e aí é onde eu volto à autoestima de outra mulher também, porque e quando estamos falando da griot, é falar também daquilo que é a africanidade, da minha identidade que eu tenho tomado conhecimento. E não de expressar que se faz de mim mulher, se eu deixara a minha identidade, quem eu sou, eu tenho que saber das minhas raízes, identificar-me como tal, então tudo isso graças à independência, ainda preciso fazer valer. Ainda temos problemas como qualquer país do mundo, vamos continuar de uma forma urbana dizendo, ouço a voz da mulher, repito, é grandeza da terra, e repito sempre, outro universo, coincidindo ou não, é mulher, coincidindo ou não, é mãe, e é ela quem tem esse poder da educação, porque ela na verdade agrega valores à família e fez com que nós possamos ter uma sociedade, digamos, assim, com boa saúde mental, com pessoas para engrandecer, para desenvolver cada uma sua área, aquele que está no campo como uma enxada, também é uma pessoa apostável, todas somos apostáveis. Então é essa valorização a doação que a sociedade precisa, valorizar de onde viemos, quem foram os nosso avôs, os nosso tataravôs, os nosso pais, por tudo o que passaram, não devemos esquecer... Então, sei lá, eu não queimei etapas, eu passei por todas as fases, fui um bebê, uma infantil, uma pré-adolescente, e tive idade adulta, uma mulher que com suas quedas que foi sempre resiliente, é como o coqueiro, vem o vendaval, vem o tsunami, mas, nós estamos com equilíbrio.

Juana Sañudo Caicedo:² Há escritores angolanos que são muito reconhecidos no mundo, como Agostinho Neto e Pepetela. Mas, nós gostaríamos de saber o que significa para você, como mulher, ser escritora no seu país? Especificamente, nós também desejaríamos conhecer mais um pouco sobre suas influências e sobre como as escritoras angolanas, em geral, são tratadas pelo mercado editorial no seu país.

KA: Eu gostava de dizer o seguinte, eu sou produto da colonialidade. Sabe que na àquela altura nas escolas estudávamos tudo o que é de Portugal e a influência poética que eu tenho é do Portugal, não é verdade? Fernando Pessoa, Luís de Camões, e porque estudei em um colégio de madres, então também tem isso, essa educação religiosa, poética. Mas na verdade, falar de Agostinho Neto já ouvia no seio da família como um grande homem que fora da Angola, já denunciava as assimetrias coloniais. Quer dizer toda aquela invasão da colonialidade coisificava ao angolano e o africano, se tivermos de falar dos países colonizados que era Cabo Verde, Moçambique, Guiné, São Tomé, perceberá que as

histórias contadas pelas nossas famílias, pelos nossos pais colidem. Logo após a independência nós tivemos a oportunidade de ter contato com todos aqueles indivíduos, aqueles homens que na àquela altura através da sua escrita de denúncia, nós, já tínhamos essa compreensão do que, tudo o que eles fizeram com a escrita, concretamente a poesia, era para o ganho da independência. Agostinho Neto influencia-me grandemente, porque eu conheço Agostinho Neto desde os meus 16 anos, porque Agostinho Neto passava férias na minha terra com a Dra. Maria Eugénia sua esposa, ela ainda vive, é assim que nós começamos a ter contacto com o livro *Sagrada Esperança*, com os poemas *Havemos de voltar*, *Adeus na hora da largada*, *Longa fila de carregadores*, tantos poemas de Agostinho Neto que denunciavam o sacrifício, a escravidão, do povo angolano, do povo africano, e dos povos do mundo. Agostinho Neto não falava só da África, mas tinha um olhar também para o mundo, porque havia associações naquela altura dos anos 50, principalmente em Portugal, 'Vamos Descobrir a Angola', A Casa dos Estudantes do Império que também defendia as causas da independência, então eu me rodeio da poética de Neto e de todos aqueles que estiveram presos em Tarrafal, Cabo Verde. E, quando conheci Tarrafal, a cadeia de Tarrafal, eu fartei de chorar, porque eu não imaginava que eles tivessem passado por aquele lugar onde havia mar e só havia montanhas, eles não tinham contato com as pessoas.

Penso que para além da influência que tenho de Agostinho Neto, eu trago na minha bagagem já, a vivência e a convivência de tudo o que eu vivi com os meus avós que não sabiam ler nem escrever. Gosto de Agostinho Neto, é verdade que eu estou a trabalhar num romance. Pepetela é uma pessoa que eu admiro, mas eu estou muito ligada, estou fortemente ligada à poesia, é meu leito, é onde eu consigo descarregar para ver todas as minhas mágoas, todas as minhas falas, eu espremo os meus sentimentos através da poesia, é verdade que tem algumas escritoras angolanas e também algumas portuguesas, não é? E por exemplo Jorge Amado, aquela novela *Xica da Silva*, que retrata o tráfico de escravos, percebe, mas eu não sei explicar também o que eu sou, sou eu mesma, leio, mas eu tenho as minhas viagens, espirituais, sei lá, então eu tenho influências do doutor António Agostinho Neto, eu me orgulho muito no *Amanhecer*, na trilogia, e daquela mulher que é tão velha, que leva a cesta na cabeça para vender tomate, para vender laranjas, é minha mãe: porque a minha mãe foi uma mulher que ajudava a meu pai, e vendia também, fazia bolos, eu também vendia, ajudava a minha mãe. Então a força da minha poesia está nelas e quase tudo o que eu vivo no dia a dia, eu vivo no dia a dia, aquela mulher que tem que fazer cuidados, aquela mulher que está desempregada, aquela mulher que tem um sonho e que não conseguiu realizar o seu sonho porque precocemente pegou um filho, ela precocemente não teve orientação, então, eu entro no âmago dessas mulheres, eu ouço essas mulheres

e aí é onde está a minha escrita. Não sei, vocês estão de especialistas, estão lendo meu trabalho, e talvez posso fazer uma comparação, mas eu acho que também não sei quem sou.

Sobre a questão editorial, a Angola teve sua independência a 11 de Novembro de 1975, 29 dias depois foi fundada a União de escritores angolanos pelo doutor António Agostinho Neto, António Jacinto, António Cardoso, Boaventura, Adriano Botelho de Vasconcelos, Mena Abrantes, Henriques Abrantes e tantos outros, Maria Eugénia Neto como única mulher, está percebendo? A primeira editora na Angola logo após a independência é a UEA, *União dos Escritores Angolanos*, é verdade que a dada altura houve uma produção enorme que na literatura, na poesia, romance, contos e principalmente na literatura infantil, onde eu destaco como mãe da Literatura de Angola a Maria Eugénia Neto.

Independentemente de tudo, nós tínhamos a tradição oral que transportamos também para o livro, está percebendo? Então, a união teve um grande poder, percebe? E porque o doutor António Agostinho Neto apoiava grandemente através de uma grande empresa que nasceu na Angola, uma empresa petrolífera, era ela também a financiar dentro de sua responsabilidade social. É claro, depois o país abre-se, não é? Vão surgindo outras, mas a minha marca é a *União de Escritores Angolanos* e a editora que eu também crie que é a *Tchingapy Editora*, é devido à União de Escritores onde fui secretária para as atividades culturais durante dez anos. Tive muitas viagens para o Brasil e essa troca de conhecimento com outras pessoas, com outras editoras, houve um alargamento muito grande, então eu penso que sabe que hoje também a questão comercial faz com que, pronto! Não haja muita qualidade, mas é preciso primar, porque as pessoas, devido as suas condições sociais pensam em fazer qualquer coisa, mas para ser editora é preciso responsabilidade, um bom corretor, para ver a questão da construção frásica, ver o que é poesia, criar uma linguagem direta, uma subjetividade, quer dizer, aqui há muitas situações que eu penso que nós temos que acautelar. Às vezes eu faço críticas, mas são críticas, porque eu também passei por várias, eu penso que naquela altura quando chorava muito, quando a doutora Gabriela Antunes exagerava eu chorava, eu não compreendia, hoje digo que valeu a pena porque eu não tenho pressa, mas eu tinha elucidado, eu não sei explicar por que a poesia, dia a dia eu só me dedico à escrita, eu também não sei explicar, a coisa é que eu não consigo, gostava... Mas meu pensamento é ecológico, eu sou produto da natureza.

LSH: Sua obra é um belo exemplo de como alcançar sua própria voz e torná-la uma mensagem universal. Nela, a ancestralidade pode ser percebida nos diferentes versos que a compõem. Qual é a relevância dessa ancestralidade e das línguas africanas na sua poesia?

KA: Olha, com muita tristeza vou dizer o seguinte o sistema colonial era contra as línguas nacionais, toda gente que falasse as línguas nacionais que eram Umbundu, Kimbundu, e porque a minha terra tem essa influência de pessoas deque vieram do campo de concentração onde estiveram muitos políticos, percebe? Então, toda a gente que falava a língua nacional, a colono tinha uma pena. Então, os nossos pais para não ser penalizados eles não falavam a língua nacional na nossa frente, mas muitas vezes por detrás da porta nós sabíamos o que eles falavam e já sabíamos seus significados, um *Nguto (Umbundu)* que é colher, ou *Malonga (Kimbundu)* é prato. É assim que eu também dentro daquilo que é a curiosidade, tem na cidade capital, que é uma cidade cosmopolita, tem muitas pessoas das 18 províncias da Angola e o que faço? Eu converso com elas e pergunto o significado, olha, do que eu sou, mesmo do que a paz, mesmo que o significado da água. Então, faço enquadramento na minha poesia, o simbolismo que eu vou buscar. Mas, daquilo que é portugalidade, eu trago a língua portuguesa, que é a grande riqueza também, não podemos só falar mal, houve coisas boas também do ponto de vista educacional. Do respeito, o carinho, saber os limites, claro que na nossa ancestralidade também tivemos, não é? Os netos fizeram parte da formação da sua personalidade, quando alguém mais velho está falando eu tenho que ouvir e eu tenho que esperar a pessoa mais velha, adulta, ela tem que autorizar para eu sentar, eu não posso ficar perto do adulto e dizer vou sentar, não! Na tradição africana tudo tem regras: para falar, pedir autorização. Então, eu trago essa bagagem e também, a bagagem portuguesa.

JSC: Quando você escreve poesia, o que você pensa e sente sobre as sinestésias, esse sentir do corpo, esse existir plenamente dos sons, da pele, dos odores, dos sabores e das imagens? Você acha que pode ser uma representação do ser feminino existindo e reexistindo no mundo? Quer dizer uma forma de afirmação desse ser no meio da dureza da sociedade como acontece, por exemplo, no poema “Andaime Teu Corpo”³? Ou é diferente seu pensamento do seu sentir?

KA: Olha, gostava de dizer que meu corpo tem movimento, que meu corpo tem cheiro, meu corpo tem sabores, meu corpo move, assim como a terra. E, então essas conexões, sem dimensão, felicito a mim mesma por ser mulher e que, ser mulher e ser diferente, porque eu tenho conexões espirituais. Tudo o que está aqui no meu corpo tem movimento, eu sou mulher e também tenho as minhas tristezas, mas eu vou buscar naquilo que me fez bem à alma, para dar queda ao que me fez mal, então eu faço essas viagens, por que não exteriorizar o que sinto? As mulheres tem essa capacidade de exteriorizar o que sentem... Eu através da minha poética digo: Eu sou mulher e como mulher eu sou a grandeza, tenho muitos saberes como qualquer homem, não é verdade? Surpresa que tome atenção, conquista, vai acender os prazeres da minha fala, do meu olhar, do meu sussurro, não

é verdade? Não é que eu seja melhor, é que eu sou diferente e sou notável, então eu movo, a minha pele, a minha íris, o meu nariz, a minha boca, os meus ouvidos. É que eu me conheço como mulher e conheço as minhas falências do ponto de vista que é quem é, escrevo o que eu sinto, exteriorizo, porque eu tenho que dar a mim mesma, ser resiliente na poesia, também é pedir ajuda, e eu vou, peço ajuda e nessa ajuda há algo que atrai e leva-me a escrever. Tudo tem movimento, desde a ponta dos cabelos.

JSC: Nós consideremos você uma intermediária entre a humanidade e a ancestralidade, tipo uma “griot contemporânea” (Nascimento dos Santos 148). Especificamente, nos lembramos do uso da linguagem oral e do léxico tradicional angolano e como essa oralidade canta através dos seus poemas. Mesmo assim, queremos saber qual é sua opinião sobre essa ideia de ser chamada de uma “griot”.

KA: Na verdade, considero-me uma “Griot” porque eu recebi um legado através da minha família, da minha mãe, dos meus avós que não sabiam ler nem escrever, o meu avô Kanguimbu era um camponês. Então, toda a oralidade que foi passada, eu penso que é de grande valor, independentemente do modernismo. É preciso buscar, porque essa juventude precisa de conhecer todo o valor dessa ancestralidade, da oralidade. É preciso porque eu tenho esta responsabilidade de transmissão dos conhecimentos que eu adquiri. A alegria, a tristeza. Quando falece alguém. Quando alguém nasce do parto. Quando alguém faz o aniversário. Quando há chuva. Quando há lavoura.

É importante passar essa transmissão. Hoje, com um mundo aberto, há um mundo global que despreza enormemente a oralidade. É como se as pessoas não existissem. Então, onde há conflitos, nós não temos a capacidade como os mais velhos no passado, nossos ancestrais de transmitir os conhecimentos. Portanto, aí onde há conflitos, eles eram os mediadores dos conflitos. Então, eu penso que eu também trago a paz, o amor, à irmandade, o espírito da partilha. Pois no mundo moderno há muito egoísmo, há muito egocentrismo. Então, penso que a toda necessidade nós temos a capacidade de perdoar uns aos outros.

E esta é a mensagem que eu passo no dia-a-dia, porque foram o que eu recebi, a questão dos valores cívicos, os valores morais, os valores patrióticos, o amor a nossa terra, o amor à pátria, percebe?

Pessoas dizem hoje, eu gosto, mas da Nicki Minaj ou não sei que...Não! Nós temos as nossas heroínas, temos as nossas mulheres. Então estes são os valores que eu passo principalmente para a nova geração. Eu devo passar? Sim! Independentemente de ser uma pessoa académica, devo buscar o senso comum também, que é muito importante na resolução dos conflitos.

É assim que eu estou pensando desse lugar, do amor acima de tudo. Muito importante penso eu!

E enquanto artista é meu papel, independentemente das convergências, das divergências das ideias que é natural, mas nós temos que respeitar, saber nossos limites e procurar forma de nos entender e chegar a uma plataforma de entendimento. E esta é a mensagem que o século vinte e um precisa. Porque há muito ego, e o Covid-19 transformou nossas vidas. Todos somos iguais, não é verdade? Porque aqui há hospital dos ricos, hospital dos pobres, e agora estamos a ver.

Somos únicos, como todos da mesma terra, temos a mesma raiz. Todos nós precisamos de mel, precisamos de canela para saborear as nossas mágoas. Não é verdade?

LSH: Especificamente, na entrevista para a página web de Chocolate Lifestyle, você mencionou que no título “Seios e Ventres” usou a imagem simbólica dos ventres “... porque a mulher é o útero do universo e é ela que povoa o mundo” (Kavungu n.p). Considerando o anterior, como conecta essa ideia com o que identificou, em nossa passada reunião com Daiana Nascimento dos Santos, como um “Chamado de África”?

KA: A grandiosidade do mundo e particularmente da África e de Angola é que nós temos terrenos aráveis. E tudo o que nós brotamos na terra cresce, floresce, dá frutos saborosos e sumarentos que dá vigor.

Olha que a mulher atravessa um período de nove meses de gravidez, isso é uma dádiva. Independentemente da conexão espermatozoidica do coito sexual, escute bem, é a mulher que povoa. Tudo o que está no mundo é a mulher que povoa. E veja que Deus na sua criação, fez uma espécie mais rica, que é a espécie humana.

Independentemente dos males. Nós não somos perfeitos, nós temos defeitos, mas o importante é os seus feitos. E a mulher aí está participativa, pelos dons, pelos dotes femininos que ela as possui.

É a mulher que lava a roupa, é a mulher que cozinha. É a mulher que na verdade entende seu marido independente das suas rabugices, não é verdade? E a mulher é mesmo mulher, não é?

Então, é a mulher que consegue acalantar o homem, passar a mão atrás das costas e dizer “vamos juntos”. Aí está o homem presente. Mas é a mulher a que transporta. É a mulher a heroína, é a mulher a grandeza. Porque o senhor presidente, o senhor ministro, o senhor director é proveniente deste solo, deste universo, que é a terra arável e a terra arável é o útero da mulher.

Como já havia dito tendo ou não filhos, este é o poder que a mulher tem. Somos submissas, é verdade, mas devemos ser ouvidas.

Mas é a mulher que educa a nação, e é a mulher que formata o homem, desde um ponto de vista educacional.

LSH: Para finalizar, gostaríamos de saber sobre seus projetos. O que nós, leitoras e leitores podemos esperar de Kanguimbu Ananaz?

KA: Eu trabalhei em três contos infantis. Já a caminho há seis anos. Também, com a continuidade de “Seios e Ventres”, que depois vem o livro, já para o futuro, “O Útero do Universo”, e outro livro que é “As entranhas do Mar” que já está aí com a doutora Daiana.

Continuar para a literatura, preferiria falar do percurso da literatura angolana de novos autores. Incutir as crianças e jovens até adultos em quanto ao domínio e o gosto e o hábito pela literatura. Continuar fazendo entrevistas na rádio e televisão, sou solicitada pelos jornais, e doar sempre meu amor e carinho, e porque a minha terapia é a escrita. E há um livro que talvez vocês não conheçam que é este aqui: “Pétalas Rasgadas”. Este livro eu lancei em 2015. Também há outro livro infantil que é um conto que eu editei no Brasil, que é “A Wati e Sonhi”. E também tenho aqui um trabalho que vocês precisam conhecer que é o meu livro, um trabalho ilustrado. Eu já o publiquei. (* *Ela se refere ao livro “A literatura infantil angolana no período pós-independência: estudo sobre a escritora Cremilda de Lima” do ano 2019*).

As entrevistas foram realizadas a partir da província de Luanda, concretamente nos bairros Sekele, Palanca e Rangel.

Fiz as possíveis alterações, tive de inverter algumas palavras para o português Angolano para melhor compreensão do texto, a entrevista já pode ser publicada caso não queiram alterar mais nada.

Agradeço no fundo do meu coração: as Professoras Dra Daiana Nascimento dos Santos, a Dra@ Lilian Salinas e a Doutoranda Juana Maricel Sañudo Caicedo e aos estudantes das Universidades Playa Ancha, Chile e São Carlos, Brasil.

Gratidão

KANGUIMBU ANANAZ

Notas

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Ademais, esta entrevista está vinculada aos projetos 'CONICYT+PAI/CONVOCATORIA NACIONAL SUBVENCION A LA INSTALACION EN LA ACADEMIA, CONVOCATORIA 2018, Folio 77180056', 'Crisis humanitaria y migración en la novela reciente de África y Latinoamérica' de Fondecyt de Iniciación en Investigación 2020, Folio 11200367 e a Cátedra Fernão de Magalhães vinculada ao Instituto Camões- Portugal coordenada pela Dra. Daiana Nascimento dos Santos no Centro de Estudios Avanzados de la Universidad de Playa Ancha, Chile.

² A partir de agora apenas serão utilizadas as iniciais do nome de cada participante.

³Ananaz, Kanguimbu. *Andaime Teu Corpo*, Luanda: Tchingapy, 2020, 70.

Bibliografia de Kanguimbu Ananaz

- . *A Literatura Infantil Angolana, Pós-Independência, estudo sobre a escritora Cremilda de Lima*. Luanda: Editora das Letras, 2019.
- . *A Wati e a Sonhi n.º 1*. Luanda: União de Escritores Angolanos, 2015.
- . *As Férias de Yabula*. Luanda: União dos escritores Angolanos e Tchingapy, 2012.
- . *Avó Sabalo*. Luanda: União dos escritores Angolanos. 2006.
- . *Entre a Lua, o Caos, o Silêncio e a Flor*. Luanda: Matamba, 2011.
- . *Fenómenos Vendedores nas Ruas de Luanda*. Luanda: Tchingapy, 2016.
- . *Histórias de Encantar*. Luanda:Ministério de Cultura, 2011.
- . *O amor tem Asas de Ouro*. Luanda: União dos escritores Angolanos, 2004.
- . *O Regresso de Kambongue*. Luanda: União dos escritores Angolanos e Tchingapy, 2011.
- . *Pétalas Rasgadas*. Luanda: Tchingapy, 2014.
- . *Seios e Ventres*. Luanda: Tchingapy, 2020.
- . *Seios do Deserto*. Luanda: Patrocínio do governador de Luanda e o Apoio do Ministério da Família, 2002.
- . *Soba Kangeiya e a Palavra*. Luanda: União dos escritores Angolanos e Tchingapy, 2010.
- . *Todos os Sonhos*. Luanda: União dos escritores Angolanos, 2006.

No Prelo

- . *A casa e o botão. Conto Infantil*.
- . *A Wati e a Sonhi n.º 2*. Literatura Infantil.
- . *A Welwitschia e o Mar*.
- . *Meu Padrasto, Meu Marido*.
- . *Olhar metamorfofísico. Poesia*.
- . *O Sabor dos Frutos*.
- . *Útero do Universo. Poesia*.